

## A TRADIÇÃO MEDIEVAL BESTIÁRIA NA FRANÇA

Vanessa Gomes FRANCA, Pedro Carlos Louzada FONSECA  
Faculdade de Letras/UFG, e-mail: Francavg@hotmail.com e pfonseca@globo.com.  
Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior(CAPES)

Palavras-chave: Bestiário Medieval, França, Richard de Fournival, Bestiaire d'amour.

### INTRODUÇÃO

A Idade Média é marcada por um contexto religioso. Segundo José Luiz Del Roio (1997, p. 59): “A cristandade latina, proclamando crescentemente ser a única a expressar a vontade divina, convenceu-se de que detinha o direito e o dever de impor esta verdade a qualquer indivíduo ou sociedade”. Desse modo, expande-se sobremaneira a presença da Igreja medieval e de seus dogmas em várias localidades do orbe. Conseqüentemente, expande-se também a sua influência na vida social, cultural e econômica dos povos da época. “A religião impõe-se aos espíritos como um absoluto que ninguém discute. Não se vê o menor traço de indiferentismo e menos ainda de ateísmo. Do mais humilde ao mais importante, é uma sociedade inteira que *crê*” (ROPS, 1993, p. 43, grifo do autor).

A fé crista é, então, uma constante pela qual, muitas vezes, a Idade Média é compreendida. Isso ocorre, uma vez que é vista como o “tempo da fé”. É nesse período que os homens recorrem a temática religiosa nas pinturas, nas esculturas e nos livros; constroem catedrais, basílicas – para professarem sua fé; lançam-se as missões, a fim de evangelizar – quem não aceitasse, ou melhor, quem não se convertesse a fé cristã era visto como herege e seguidor do diabo. É nesse sentido que Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt (2002, p. 375) afirmam que “[o] homem medieval foi freqüentemente visto como alguém totalmente modelado pela adesão imediata, irracional e sem limites aos dogmas e aos ritos cristãos”.

Vemos surgir nessa ambientação o Bestiário ou “Livro das Bestas”. De acordo com Pedro Carlos Louzada Fonseca (2008): “No conjunto das intrincadas formações mentais elucubradas pela imaginação medieval, os livros bestiários representaram, sem dúvida alguma, um dos mais significativos repositórios da hermenêutica cristã relativa à explicação e finalidade dos seres da natureza”. A tradição bestiária foi desenvolvida, especialmente, na Inglaterra. No entanto, vemos tal tradição ganhar destaque também sob a pena de alguns bestiaristas franceses.

## MATERIAL E MÉTODOS

Devido a importância dos códices franceses para o estudo do tema, surgiu a idéia de efetuarmos um levantamento sobre a produção dos livros das bestas na França. O que contribuiu para a escolha do nosso tema foi o fato de esse objeto, apesar de sua evidente importância, ser ainda pouco explorado.

Desse modo, para a escritura do nosso trabalho, tomaremos como referência: Philippe de Thaon (*Le Bestiaire*), Gervaise (*Bestiaire*), Guillaume Le Clerc (*Le bestiaire divin*), Richard de Fournival (*Li bestiaires d'amour* e *Bestiaire d'amours rimé*) e Pierre de Beauvais (*Bestiaire*), considerados por alguns estudiosos – Fonseca (2010), Van Woensel (2001), Varandas (2006) – como os principais bestiaristas franceses. Assim, pretendemos abordar a tradição medieval bestiária na França, projetando seu início, seus principais bestiaristas e sua influência.

Ademais, nos dedicaremos a tradução de um bestiário francês para o português. Colaborou para a nossa decisão, o fato de não haver nenhum bestiário traduzido em língua portuguesa, o que dificulta a acessibilidade a tais manuscritos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os bestiários surgem a partir do *Physiologus* [O naturalista]. Este, originalmente, era um tratado de história natural em que tínhamos a descrição, pretensamente, científica de alimárias diversas. Mais tarde, a essa descrição foi incorporada uma lição edificante cristã. Até hoje, não há um acordo quanto as suas origens. No entanto, alguns críticos têm ajustado que o livro, inicialmente escrito em grego, originou-se na Alexandria no segundo século da nossa era.

O *Physiologus* era composto por 49 capítulos. Nestes, lado a lado, figuravam uma zoologia compósita formada por animais reais e fictícios. Assim, o *Physiologus* disseminou na mentalidade medieval a convicção na existência de animais fabulosos como, por exemplo, a sereia, a fênix, o unicórnio, o dragão e o grifo. Posteriormente, ao conteúdo desse livro foram acrescentadas novas descrições de animais, bem como de plantas e pedras. No que concerne a esse respeito, Fonseca (2006, p. 166) comenta que:

Embora comumente conhecido como livro dos animais, o *Physiologus* e o bestiário medieval também continham uma considerável riqueza de informações sobre o mundo vegetal e animal. Com o correr dos tempos, essas sessões sobre plantas (ervas) e pedras especiais desenvolveram-se, respectivamente, nos chamados herbários e lapidários medievais [...].

Os bestiários, espécies de compêndios de zoologia, de autoria anônima, medrados especialmente a partir do século XII, aparecem, muitas vezes, abundantemente ilustrados. Eles obtêm grande visibilidade e, até os dias atuais, é possível constatar a sua influência. Neles

se compendiam informações sobre animais, desde os mais familiares à convivência humana até os mais selvagens, exóticos, ou mesmo concebidos imaginária e miticamente. Essa *menagerie* medieval comumente antologizava, ao lado de animais domésticos e próximos ao homem, animais selvagens, exóticos (como o leão, o tigre, o elefante, o camelo), imaginários, híbridos ou não (como o grifo, o basilisco, a mantícora, a fênix, o unicórnio, a leucrota, o bonnacon), míticos de herança clássica pagã cristianizada (como o sátiro, a sereia, o grifo). Nos Bestiários compareciam, por vezes, exóticas espécies minerais (como as *Tirebolem* ou “pedras-de-fogo”) e vegetais (como as *Bernachas* ou “gansos-de-árvore”) (FONSECA, 2003, p. 77-78).

Assim como o *Physiologus*, os bestiários também apresentam uma descrição física, comportamental e do *habitat* dos seres por eles listados. Além disso, ao final de cada exposição, o bestiarista acrescentava uma moral. Por esse motivo, Van Woensel (2001, p. 15) defende que “[o]s bestiários são um fiel reflexo do imaginário da época e um produto típico do universo cultural medieval dominado pelos clérigos”.

Um fator importante que podemos salientar aqui é que a Inglaterra foi o cenário em que “os bestiários propriamente ditos desenvolveram-se” (VARANDAS, 2006, p. 6), embora tenham sido reconhecidos em outros países. Na França, por exemplo, encontramos alguns livros das bestas. Varandas (2006, p. 6) salienta que “[e]nquanto os manuscritos ingleses foram, todos eles, escritos em latim, os franceses são traduções para vernáculo do *Fisiólogo* latino”.

O mais antigo Bestiário em língua francesa data do século XII. De acordo com Jean-Claude Polet, em seu livro *Patrimoine littéraire européen: anthologie en langue française*:

Le bestiaire fait son entrée en langue française vers 1121-1135, sous la plume de Philippe de Thaon, qui en fait une rédaction rimée. D'autres suivent au XIII<sup>e</sup> siècle : celui de Gervaise, peu étendu, ceux de Pierre de Beauvais, et celui de Guillaume le Clerc. Apparaît alors aussi une version fort originale, le *Bestiaire d'amour* de Richard de Fournival (p. 510).

*Le Bestiaire*, foi escrito pelo clérigo anglo-normando Philippe de Thaon. “Son Bestiaire, dédié à la reine Adélaïde de Louvain, femme de Henri II, roi d'Angleterre, doit avoir été composé à une époque peu éloignée de l'année 1121, dans laquelle fut célébré le mariage de cette princesse” (HIPPEAU, 1852, p. 67). Tal manuscrito era rematado “por um *Volucraire* [Livro das aves] e um breve *Lapidaire* [Tratado das gemas], são 38 capítulos [...] vinte três sobre animais, onze sobre aves e quatro sobre pedras preciosas” (VAN WOENSEL, 2001, p. 27).

O *Bestiaire* do clérigo normando Gervaise é uma tradução, “composait probablement à la fin du XII<sup>e</sup> siècle ou au commencement du XIII<sup>e</sup>. (MEYER, 1872, p. 4), para a língua francesa de um bestiário latino: “São 1280 octossílabos rimados *aabbcc*, de conteúdo edificante sem muitas pretensões literárias” (VAN WOENSEL, 2001, p. 27). A esse respeito, Meyer (1872, p. 3) salienta ainda que : “Normand comme Philippe de Thaon et Guillaume, Gervaise ne peut prétendre au rang qu'occupent ces deux auteurs dans l'histoire de notre littérature. Il n'a ni la grande ancienneté du premier ni l'originalité du second”.

Guillaume le Clerc, igualmente um clérigo normando, é o autor do manuscrito *Le bestiaire divin*,

written early in the thirteenth century [...] The religious significance of the material was elucidated with particular care, for Guillaume's prologue emphasized that he was providing his animal exempla to benefit the soul ('essamples por le preau a l'ame'). He did, however, add an occasional political or literary allusion [...] But his primary purpose throughout was the edification of the faithful (BEER, 2003, p. 10).

O Bestiário de Guillaume “est la traduction d'un des Bestiaires latins, et il s'appuie le plus souvent sur l'autorité du *Physiologus*” (HIPPEAU, 1852, p. 68). Ademais, seu códice é considerado como o manuscrito mais elaborado literariamente, possui ilustrações e é o mais extenso dentre os franceses.

Outro bestiário francês que merece evidência é o *Bestiaire*, do clérigo Pierre de Beauvais, também “called Pierre le Picard by his first editor because the

oldest extant manuscript of Pierre's bestiary was in the Picard dialect" (BEER, 2003, p. 10). Segundo estudiosos, há duas versões desse livro, a primeira contém 38 capítulos e, a segunda, que seria uma ampliação da primeira, 71.

Por fim, destacamos Richard de Fournival, cômego francês, o qual redigiu, um bestiário amoroso, *Li Bestiaires d' amours*. Nele, não há moral religiosa, o que importam são os sentimentos.

Ce clerc érudit décrit, sous couvert d'une autobiographie fictive, les circonstances, les étapes et les revers d'une quête amoureuse, en construisant son exposé sur un enchaînement de comparaisons animalières développées avec subtilité. L'allégorie animalière est détournée de la tradition religieuse pour s'appliquer au discours courtois. L'on perçoit cependant chez l'auteur une distance ironique face au code traditionnel des valeurs courtoise. Le *Bestiaire d'amour* introduit dans le genre un nouveau naturalisme, qui trouvera son expression la plus accomplie dans le *Roman de la Rose* de Jean de Meung (POLET, 1993, p. 510).

De acordo com Van Woensel (2001, p. 28, grifo do ator), "trata-se do primeiro bestiário conhecido de teor profano: cada 'moral da história' refere-se ao amor cortês. Além disso, o manuscrito de Fournival, o qual foi escrito no século XIII, marca o período em que os bestiários divinos estavam em declínio na França.

## CONCLUSÕES

Como vimos, a tradição medieval bestiária expandiu-se por alguns países europeus e teve como cenário de seu desenvolvimento a Inglaterra. Além da tradição bestiária inglesa, também é possível salientarmos a francesa. Na França, ganhamos destacamos os bestiaristas: Philippe de Thaon, Gervaise, Guillaume Le Clerc, Pierre de Beauvais e Richard de Fournival. Assim, tencionamos realizar um estudo sobre tais autores, suas obras e sua relevância para a tradição medieval bestiária francesa. Pretendemos, também, verter um dos bestiários franceses para o português, visto que não há nenhuma tradução de tais códices para a nossa língua.

## REFERÊNCIAS

DEL ROIO, José Luiz. *Igreja medieval: a cristandade latina*. São Paulo: Ática, 1997. (Coleção As religiões na História).

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Identidades bestiárias na colônia: monstruosidade, *gender* e ordem política na cronística portuguesa sobre o Brasil dos séculos XVI e XVII. *Signótica*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 77-90, jan./jun. 2003.

\_\_\_\_\_. O bestiário medieval e a representação derogatória do feminino: o exemplo do manuscrito de Cambridge. *Signótica*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 163-175, jan./jun. 2006. Disponível em: <[http://www.geocities.com/ail\\_br/obestiarionacolonia.htm](http://www.geocities.com/ail_br/obestiarionacolonia.htm)>. Acesso em ago. 2008.

\_\_\_\_\_. *O bestiário na colônia: a cronística historiográfica de Fernão Cardim*. Disponível em: <[http://www.geocities.com/ail\\_br/obestiarionacolonia.htm](http://www.geocities.com/ail_br/obestiarionacolonia.htm)>. Acesso em: ago. 2008.

\_\_\_\_\_. *Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na Colonização do Brasil*. São Paulo: EDUSC, 2010.

HIPPEAU, M. C. Introduction. In: GUILLAUME LE CLERC. *Le Bestiaire divin de Guillaume Clerc de Normandie, trouvère du XIII<sup>e</sup> siècle*. Caen: Hardel, 1852.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. Dicionário temático do ocidente medieval. Vol. 1. Coordenador da tradução Hilário Franco Jr. São Paulo: EDUSC e Imprensa Oficial do Estado, 2002.

MEYER, Paul. Le bestiaire de Gervaise. In : GERVAISE. "Le Bestiaire de Gervaise", *Romania*, Paris, v. 1, p. 420-443, 1872. Disponível em: <<http://bestiary.ca/etexts/meyer1872/meyer1872.htm>>. Acesso em jan. 2011.

POLET, Jean-Claude. *Patrimoine littéraire européen: anthologie en langue française*. Bruxelles: De Boeck Université, 1993. v. 2.

ROPS, Daniel. *A igreja das catedrais e das cruzadas*. Tradução Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1993.

VAN WOENSEL, Maurice. *Simbolismo animal na Idade Média: os bestiários: um safári literário à procura de animais fabulosos*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2001.

VARANDAS, Angélica. A Idade Média e o Bestiário. *Medievalista Online*, Lisboa, ano 2, n. 2, p. 1-53, 2006. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA2/PDF2/bestiario-PDF.pdf>>. Acesso em: jul. 2009.

WHITE, Terence Hanbury. *The book of beasts: being a translation from a latin bestiary of the twelfth century*. London: J. Cape, 1954.